`Leia a Bíblia?`

Orlando Fedeli

- **I - Introdução**
- **II - A palavra de Deus exige elucidação, porque "a letra mata"**
- **III - O verbo ler na Sagrada Escritura**
- **IV - Sentidos das palavras e da Escritura**
  - Tipos de palavras
  - Modos de empregar as palavras
  - Figuras de retórica
  - Gêneros literários
  - Sentido Histórico
  - Parábolas
  - Sentidos das Sagradas Escrituras
- **V - Conclusão**

"A glória de Deus está em encobrir a palavra,
e a glória dos Reis é investigar o discurso"
(Prov. XXV,2)

I - Introdução

Cada religião é conhecida por sua prática mais característica. Assim, o Catolicismo tem na Missa seu ato essencial de culto a Deus. Os espíritas têm como ação típica a invocação dos espíritos, para conhecer algo do além, isto é, a necromancia, e os protestantes de todos os naipes são conhecidos pela sua insistência na Bíblia, que eles lêem e recomendam ler com insistência, como se pela leitura se achasse a salvação.

O pressuposto desses protestantes – hoje, para mascarar suas divisões, eles ocultam inicialmente o nome de sua seita, e se dizem genérica e vagamente "evangélicos" – é que qualquer pessoa, por mais desprovida de conhecimentos que seja, pode ler com fruto a Escritura, porque o próprio Espírito Santo vai inspirar a ela o sentido verdadeiro do que está escrito. A Bíblia seria, então, mais fácil de ser entendida do que um romance de banca de jornal, ou que um gibi. Além disso, cada um poderia dar a interpretação que desejasse, ou que julgasse ter entendido do texto sagrado. A Sagrada Escritura não teria um significado objetivamente correto. Todas as interpretações seriam sempre certas, ainda que fossem interpretações contraditórias. É o que se chama de livre exame da Bíblia, princípio proclamado por Lutero para destruir o poder do Papa.

O resultado desse livre exame da Escritura Sagrada foi uma quase infinita multiplicação de seitas. Tal sistema instaurou uma verdadeira Babel bíblica. Hoje, há milhares de seitas "evangélicas", cada qual dando uma interpretação diferente do texto sagrado, e todas se proclamando verdadeiras.

Copyright © 1999-2011 - Associação Cultural Montfort - http://www.montfort.org.br/

No fundo, cada protestante é uma "igreja", não podendo, de fato, existir a Igreja de Cristo. O protestantismo se ergue contra o poder infalível do Papa, e, para combatê-lo, proclama a infalibilidade individual de cada "crente".

Cada um deveria ler a Bíblia, e cada um teria um entendimento diferente da Sagrada Escritura, negando-se, assim, que haja realmente um sentido objetivamente verdadeiro e desejado por Deus. Nega-se, desse modo, que haja "uma só fé". Deus teria feito a Bíblia como uma "Obra Aberta": ela teria milhares de sentidos possíveis, todos possivelmente verdadeiros, mas nenhum exclusivamente verdadeiro e único.

Daí o slogan protestante: "Leia a Bíblia".

Ora, curioso é que a própria Bíblia não contenha nenhum texto que diga: "Leia a Bíblia". Isso é bem natural, porque ninguém pode dar testemunho de si mesmo (Jo.V, 31). Nem nos dez mandamentos, dados por Deus a Moisés, nem nas palavras de Cristo se acha a recomendação de que os cristãos devessem **ler** a Bíblia.

Por que essa omissão? De onde, então, tiram os protestantes, de todas as seitas e matizes, essa lei - ou recomendação - de que todos devem **ler** a Sagrada Escritura?

Se fosse a leitura da Bíblia necessária para a nossa salvação, certamente Nosso Senhor Jesus Cristo teria dito aos Apóstolos que a lessem, e que ordenassem a todos sua leitura. Cristo teria ainda ordenado que se distribuíssem Bíblias a todos. Nesse caso, Ele talvez tivesse dito: "Ide e imprimi" em vez de "Ide, pois, e **ensinai** a todas as gentes..." (Mt. XXVIII, 19). Ele não ordenou: "Leiam a Bíblia" e nem "Distribuam Bíblias a todos os povos". Nem mesmo afirmou: "Recomendem que todos os homens leiam a Bíblia".

E por que jamais disse isso? Evidentemente, os livros – mesmo os sagrados – são escritos para serem lidos. Portanto, Deus fez as Sagradas Escrituras para serem lidas. Mas lidas por quem? Por todos?

É claro que não. Se nem todos têm competência para entender o que está nos livros comuns, e menos ainda nos livros especializados e científicos, muito menos ainda terão para compreender os livros da Escritura Sagrada, que são profundíssimos. Um leitor despreparado, ou sem conhecimento conveniente, não vai entender o texto, ou vai entendê-lo erradamente, ficando num estado pior do que o de ignorância. Porque pior que não saber, é entender errado.

Por isso, Deus disse no Livro dos Provérbios: "assim como um espinheiro está na mão de um bêbado, assim está a parábola na boca do ignorante" (Prov. XXVI, 7).

Os livros sagrados devem, então, ser lidos só por alguns? Por quem? Quem teria a missão de ler a Escritura e explicá-la aos sábios e ao povo mais simples?

Antes de responder a essa questão, para efeito didático, vejamos algumas citações que facilitarão a compreensão da resposta.

II - A palavra de Deus exige elucidação, porque "a letra mata"

Das palavras dos Provérbios, que citamos em epígrafe, se depreende que Deus "encobre" sua palavra. Encobre, isto é, em latim "*cela",* oculta, vela suas palavras. Ora, se Deus visa salvar-nos por meio da Revelação, por que ocultar, encobrir o que Ele quer nos comunicar?

Parece haver nisso uma contradição, porque o que se quer conhecido não deve ser ocultado. Entretanto, Deus como que cobriu com um véu suas palavras, envolvendo-as em mistério.

Também os Apóstolos ficaram intrigados pelo fato de que Jesus só falava ao povo em parábolas e

comparações, e perguntaram ao Divino Mestre: *"Por que razão lhes falas por meio de parábolas? Ele, respondendo, disse-lhes: "Porque a vós é concedido conhecer os mistérios de Reino dos céus, mas a eles não lhes é concedido. (...) Por isso lhes falo em parábolas, porque, vendo, não vêem, e ouvindo, não ouvem, nem entendem"* (Mt, XIII, 10 e 13).

Cristo, Nosso Senhor e nosso Redentor, nos mostra que a palavra de Deus, embora deva, em princípio, ser comunicada a todos, nem a todos deve ser comunicada a qualquer hora. Alguns, por seus pecados e dureza de coração, não devem recebê-la senão veladamente, pela parábola, para que não a profanem, e nem lhes seja ela uma causa de acréscimo de culpa. Por isso, também, é que Jesus nos disse: *" Não deis aos cães o que é santo, nem lanceis vossas pérolas aos porcos"* (Mt, VII, 2).

Há, pois, pessoas que, por seus pecados, estão reduzidas a tal estado, que a revelação, em vez de lhes fazer bem, lhes será ocasião de novas culpas. Nesses casos - nos quais se prevê antes um desprezo pelo que Deus revelou do que um acatamento pelo seu ensinamento – cabe muitas vezes evitar comunicar o que é santo.

Portanto, nem a todos convém falar, a qualquer hora, das coisas de Deus, nem dar-lhes nas mãos a Escritura Sagrada, quando é previsível que irão debochar dela, ou deturpá-la. Quando se presume que isso será o mais provável, deve-se salvar a pérola preciosa e não dá-la aos porcos. Ou, pelo menos, esperar o tempo mais oportuno para falar. Porque... *" há tempo de calar e tempo de falar"* (Ecles. III, 7).

Por essas razões, é que a sabedoria de Deus muitas vezes encobre suas palavras. E a glória dos mestres autorizados consiste em investigar o discurso de Deus, por meio da exegese de suas parábolas. O próprio Cristo nos deu exemplo de como se deve fazer essa investigação, ao explicar aos Apóstolos a parábola do semeador (Mt. XIII, 18-23).

A Sagrada Escritura foi, pois, dada para ser **lida** especialmente por alguns que tenham autoridade ou sabedoria, e que, depois, devem ensiná-la ao povo mais simples, que a deve **ouvir**.

Por isso, está dito no Eclesiástico: "*O sábio investigará a sabedoria de todos os antigos, e fará o seu estudo nos profetas. Conservará no seu coração as instruções dos homens célebres, e penetrará também nas subtilezas das parábolas. Indagará o sentido oculto dos provérbios, e ocupar-se-á dos enigmas das parábolas* (Sir.XXXIX, 1-3).

Não assim os iniciantes, não assim... Pois que está dito por Deus: "*Eles* [os operários, que fazem trabalhos com as mãos] *não se assentarão na cadeira do juiz, e não entenderão as leis da justiça; não ensinarão as regras da moral nem do direito, e não se acharão ocupados na inteligência das parábolas"* (Sir. XXXVIII, 38).

Para os protestantes – sempre igualitários – todos os homens são suficientemente sábios para **ler** e, principalmente, para interpretar a Escritura, indo, assim, contra o que diz a própria Escritura Sagrada.

Mas Jeremias os contesta dizendo: "Como dizeis vós: Somos sábios, e a lei do Senhor está conosco? Verdadeiramente o estilete mentiroso dos escribas gravou a mentira. Os sábios estão confundidos, aterrados e presos, porque rejeitaram a palavra do Senhor e nenhuma sabedoria há neles" (Jer. VIII, 8).

Voltaremos a esse verso misterioso sobre o estilete mentiroso dos escribas que gravou a mentira....

Dissemos que a investigação da palavra de Deus exige uma certa sabedoria e uma certa autorização, e isso é dito também por São Paulo, ao prevenir que **"a letra mata"**: *"Deus nos fez **idôneos** ministros do Novo Testamento, não pela letra, mas pelo espírito, porque **a letra mata**, mas o espírito vivifica"(II Cor. III, 6).*

Portanto, é a própria Bíblia que nos previne que **"a letra mata"**.

Entretanto, os protestantes lêem essa palavra e confiam na **letra.**

Não compreendendo que **"a letra mata",** os que se dizem hoje "evangélicos" passam por cima de outro texto de São Paulo que nos ensina: *"Por isso Isaías **diz**: 'Senhor, quem creu em nossa **pregação**?'* (Is. LIII,1 e LII, 7) "*Logo, a Fé é pelo ouvido, e o ouvido pela palavra de Cristo"* (Rom. X, 16-17).

São Paulo deduz dos termos usados por Isaías - **Diz** e **Pregação** - que **a Fé vem pelo ouvido** e não pela **leitura**, embora Isaías tivesse escrito suas palavras, e não dito, ou pronunciado. O livro de Isaías devia, então, ser ouvido pelo povo judeu, isto é, explicado por alguém idôneo, e não simplesmente ser lido por todos.

Essa explicação é confirmada noutro passo das Escrituras Sagradas, exatamente tratando da leitura de Isaías, nos Atos dos Apóstolos, quando o Diácono Felipe é enviado por Deus a **falar** com o eunuco da Rainha de Candace que, em viagem, lia a Sagrada Escritura: *"Correndo Felipe, ouviu que lia o Profeta Isaías e disse: 'Compreendes o que lês?' Ele disse: 'Como o poderei (eu compreender) se não houver alguém que me explique?"* (At. VIII, 30-31).

Portanto, é a própria Bíblia quem nos diz que não é possível compreendê-la, se não houver alguém que a explique!

A Religião verdadeira tem por princípio o Verbo de Deus, isto é, a Palavra de Deus: "*No princípio era o Verbo*" (Jo. I, 1). Se, no plano divino, o princípio está no Verbo, no plano humano, o princípio da Fé é pelo ouvido, porque *"a Fé vem pelo ouvido"* (Rom. X, 16-17), *e não pelo olho que lê. Pelo olho, vem a letra que mata"* (II Cor. III,6).

Por todas essas razões, Cristo Nosso Senhor não mandou ler a Bíblia, e sim ouvir o que Ele revelou na Bíblia, repetindo cinco vezes, no Sermão da Montanha, o verbo o**uvir** e não o verbo l**er**: *"**Ouvistes** o que foi dito aos antigos: 'Não matarás...'"* (Mt. V, 21).

Ora, isso não "foi dito aos antigos". Foi **escrito.**

Apesar disso ter sido escrito e não dito, Jesus Cristo, ao citar o livro de Moisés, diz ao povo: **"Ouvistes"** e não **"lestes"**. E diz "ouvistes", porque normalmente o povo judeu ouvia a leitura da Escritura nas Sinagogas, onde era lida pelos Mestres: os Rabis e Doutores da Lei.

Por cinco vezes, no Sermão da Montanha, Cristo emprega a expressão "**Ouvistes** o que foi dito aos antigos", em vez de **"lestes"**, embora se referisse a um texto escrito (Cfr. Mt V, 21, 27, 33, 38 e 43). Essa insistência no uso do verbo ouvir e não do verbo ler é significativa. Devemos ouvir, mais do que ler a palavra de Deus, porque a Fé vem pelo ouvido, enquanto a letra mata. Cabe aos mestres idôneos e autorizados ler e explicar ao povo o que está escrito. E esse foi também o exemplo deixado por Jesus Cristo que, quando ia à Sinagoga, tomava o Rolo das Escrituras, lia um trecho e o explicava ao povo, que ouvia e não lia: *"Foi a Nazaré, onde se tinha criado, e entrou na Sinagoga, segundo o seu costume, em dia de sábado e levantou-se para fazer a leitura. Foi-lhe dado o livro do profeta Isaías..."* (Luc. IV 16-17).

O costume dos judeus era ir ouvir a leitura e a explicação das Escrituras na Sinagoga, aos sábados.

Repetidamente, na Sagrada Escritura, Cristo diz que se deve **ouvir** a palavra de Deus. Praticamente Ele não usa o verbo **ler**. Só uma vez, no Apocalipse, aparece o verbo **ler**, mas imediatamente seguido do verbo **ouvir**: *"Bem aventurado aquele que **lê** e aquele que **ouve** as palavras dessa profecia, e **observa** as coisas que nela estão escritas, porque o tempo está próximo*"(Apoc. I, 3).

E por que teria sido usado aí, no Apocalipse, o verbo l**er?**

Julgamos que, sendo o Apocalipse um livro profético, o mais misterioso da Sagrada Escritura, Cristo usa nele o verbo ler imediatamente seguido do verbo **ouvir**, porque seria extremamente difícil captar e meditar as palavras desse livro apenas ouvindo. Cristo acrescenta ainda o verbo **observar** ao **ler**, porque não basta l **er e ouvir** se não se **observar**, isto é, se não se puser em prática o que se leu ou ouviu. Esse excepcional uso do verbo **ler** na Escritura não muda, porém, a regra geral com relação à importância e preponderância única do verbo **ouvir.**

Aliás, para confirmar o que dissemos note-se que o verbo ouvir aparece sistematicamente no final de cada carta do Apocalipse. Sete vezes ali se utiliza a fórmula final: *"Aquele que tem **ouvidos**, **ouça** o que o Espírito diz às igrejas"* (Apoc. II, 7; II, 11; II, 17; II, 29; III, 6; III, 11; III, 22).

Embora seja cansativo multiplicar as citações, é preciso repeti-las aos protestantes, pois não se está tratando com bons entendedores, para os quais meia palavra basta. Está se tratando com maus leitores, para os quais muitas letras não são suficientes.

Vejamos, então, uma primeira citação dos Evangelhos: *"Todo aquele que **ouve** minha palavra e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna."* (Jo. V,24).

Note-se: tem a vida eterna quem **ouve**, não quem **lê**. Porque que adianta ler, se não houver quem explique (Cfr At. VIII, 30-31).

E mais: *"Todo aquele, pois, que **ouve** essas minhas palavras, e as observa, será semelhante ao homem prudente que edificou sua casa sobre a **rocha**"* (Mt. VII, 24).

Notem-se três coisas:

1) O uso do verbo **ouvir** e não do verbo **ler,** que seria o preferido pelos "evangélicos";

2) Não basta **ouvir**. É preciso ainda **observar** as palavras de Deus. Não basta, então, a Fé. São necessárias as obras, pelas quais se observa a palavra de Deus;

3) Quem ouve e observa as palavras de Cristo constrói sua casa sabiamente sobre a r**ocha,** sobre a pedra, isto é, sobre Pedro.

E assim como Cristo não ordenou aos Apóstolos: "Ide e imprimi e distribuí Bíblias", assim também não disse: "Quem vos lê, a Mim lê". Pelo contrário, Cristo disse: *"Quem vos **ouve,** a Mim **ouve**"* (Lc. X, 16).

Não se pense que no Antigo Testamento fosse diferente, pois que no Livro da Sabedoria se pode encontrar a seguinte regra: *"Qui **audet** me, non confundetur" "Aquele que me **ouve,** não será confundido"* (Sir. XIV, 30).

No Livro do Eclesiástico (Sirac) também se pode ter a confirmação do que dizemos: *"Se inclinares teu **ouvido**, receberás a doutrina, e se amas **escutar**, serás sábio"* (Sir. VI, 34).

Conclui-se, então, que é também pelo **ouvido** - e não pela vista e pela leitura da letra - que se adquire a sabedoria. Pois, se a Fé vem pelo ouvido, como poderia a Sabedoria vir pela vista e pela leitura?

E como poderia ser de outro modo, se Cristo é essa mesma Sabedoria feita Homem?

Os protestantes gostam de se referir ao texto em que Cristo fala de seus "irmãos", isto é, de seus parentes, dizendo: *"Minha mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a palavra de Deus, e a praticam"* (Jo. VIII,21); e eles interpretam literalmente a palavra "irmãos" desse texto, dizendo que Cristo teve, então, irmãos carnais. Deveriam também interpretar literalmente o resto da frase, concluindo que eles (os protestantes)

não são "irmãos" de Jesus, porque eles não **ouvem**, mas **lêem** as palavras de Cristo.

Noutra ocasião disse Nosso Senhor: *"Bem aventurados os que **ouvem** a palavra de Deus e a põem em prática"* (Lc. XI,28).

Ao contar a parábola do semeador, Cristo conclui solenemente dizendo: *" E dizia: 'Quem tem **ouvidos** para **ouvir**, **ouça**"* (Mc. IV, 9).

Aliás, nessa parábola do semeador, no Evangelho de São Mateus, Cristo utiliza cinco vezes o verbo **ouvir**, e nenhuma vez o verbo l**er.** Se Ele quisesse que fizéssemos o que fazem os protestantes com a Bíblia, Ele bem facilmente poderia ter usado aí, pelo menos uma vez, o verbo **ler**. Não usou, para que – exatamente – não caíssemos no erro luterano de que é obrigatório ler a Bíblia para que nos salvemos (Cfr Mt. XIII, 18, 19, 20, 22, 23).

Repetidamente, Cristo adverte aos judeus e a nós, dizendo: *"Se alguém tem **ouvidos** para ouvir, ouça"* (Mc. IV, 23).

Também São Paulo prefere o verbo ouvir ao verbo ler - e poderia São Paulo ter um preferência diferente daquela de Cristo? - pois diz na I epístola a Timóteo: *"... e fazendo isso, te salvarás a ti mesmo e àqueles que te **ouvirem"*** (I Tim. IV 23).

Já São João nos diz: "Quem conhece a Deus, nos **ouve,** quem não é de Deus, não nos **ouve**. Nisso distinguireis o espírito da verdade e o espírito do erro" (I Jo. IV,6).

Claríssimo, pois. Para distinguir quem busca a verdade daquele que busca o erro, aí está a regra: quem tem o espírito do erro não quer **ouvir**! Mas o protestante só quer **ler**.

Deus ordenou a Jeremias, o Profeta, que clamasse: "Anunciai isso à casa de Jacó, e fazei-o **ouvir** em Judá, dizendo: **Ouve**, povo insensato, que não tens coração; vós que tendes olhos, não vedes; tendes **ouvidos**, não **ouvis**" (Jer. V, 20-21). Isso se aplica tão perfeitamente aos hereges que parece até ter sido dito diretamente para os que se dizem "evangélicos", que **lêem** mas não entendem, e que se recusam a **ouvir.**

O livro de Jó expõe a mesma doutrina: "Eis que tudo isso não é senão uma parte de suas obras, e, se apenas temos **ouvido** um ligeiro murmúrio de sua voz, quem poderá compreender o trovão de sua grandeza" (Job. XXVI, 14).

Se as obras da criação são para nós, agora, como que um murmúrio da voz de Deus, que nos fala através delas - murmúrio, porque na criação material vemos apenas vestígios de Deus, e nelas vemos a Deus longinquamente - como poderemos compreender por nós mesmos - sem a orientação da autoridade posta por Cristo, Pedro, aquele que tem as chaves do reino dos Céus - como poderemos entender o trovão da voz de Deus na Sagrada Escritura?

III - O verbo ler na Sagrada Escritura

Vimos que, excepcionalmente, aparece na Sagrada Escritura o verbo **ler** junto com uma recomendação laudatória no Apocalipse (I, 3). Mas que, mesmo aí, esse verbo é imediatamente seguido do verbo **ouvir** e do verbo **observar**.

Também noutras vezes em que é usado o verbo ler, sempre ele é seguido de alguma observação restritiva.

Vimos a passagem muito notável dos Atos dos Apóstolos (VIII, 30 -31), na qual se observa que não adianta **ler**, se não houver quem explique o texto.

Quando os Reis magos foram até Herodes perguntar onde nascera o Rei dos judeus, ele consultou os Príncipes dos Sacerdotes e os Escribas sobre a questão. Estes disseram que "*Estava escrito*" (Mt, II, 5) que era em Belém. Os Príncipes dos sacerdotes e os Escribas sabiam bem o que estava escrito: que era em Belém que nasceria o Messias. Mas não se abalaram para ir até lá. Os magos, que não **leram**, foram adorar o Redentor em Belém. Os escribas não foram porque não adianta **ler** sem compreender.

Quando Cristo Deus entrou triunfante em Jerusalém as crianças o aclamaram, o que desgostou aos fariseus, que exigiram dele que fizesse calar as crianças. E Cristo, então, lhes disse, repreendendo-os: *"Nunca **lestes**: da boca das crianças e dos meninos de peito fizestes sair um perfeito louvor?"* (Mt. XXI, 16).

Com essas palavras Cristo lhes mostrava que, embora tendo **lido** a Sagrada Escritura, isso de nada lhes tinha valido, pois eles não inclinavam seu **ouvido** à Sabedoria.

São Paulo, repreendendo os Gálatas por se aterem às práticas da lei judaica, lhes diz: "Dizei-me, vós, os que quereis estar debaixo da lei, não **lestes** a lei?" (Gál. IV, 21). E, a seguir, lhes demonstra que eles não haviam entendido as Escrituras.

A crítica aos que entendiam mal a Escritura é repetida várias vezes nos Evangelhos, sempre utilizando a expressão "Não **lestes**".

Assim, São Mateus nos conta que Jesus, respondendo aos fariseus que criticavam os discípulos de Jesus por colher espigas no sábado - o que era proibido pela letra da lei - disse-lhes: *"Não **lestes** o que fez Davi quando teve fome, e ele e os que com ele iam?"* (Mt. XII, 3). *"Não **lestes** na lei que aos sábados os sacerdotes no templo violam o sábado e ficam sem culpa?" (Mt. XII, 5).*

Contradizendo a **leitura** dos fariseus sobre o direito de repúdio da mulher, Cristo lhes disse: *"Não **lestes** que quem criou o homem no princípio, criou-os homem e mulher..."* (Mt. XIX, 4).*"Jesus disse-lhes: 'Nunca **lestes** nas escrituras: "A pedra que fora rejeitada, pelos que edificavam, tornou-se a pedra angular (...)?"*

*Em todos esses textos, o verbo **ler** é empregado contra os fariseus, mostrando que a simples **leitura** da Bíblia não lhes foi levada em mérito e sim em agravamento de culpa.*

*Portanto, não basta **ler** a Bíblia.*

*Quando Cristo se refere à profecia de Daniel de que um dia a "abominação da desolação" seria "posta no lugar santo", Ele previne: "Quem **lê**, entenda" (Mt, XXIV, 15). Esse "**entenda"** imediatamente depois do verbo **ler**, mostra que não adiantava **ler** sem entender. Quantos, hoje, que nem entendem um simples artigo de jornal, pretendem entender a Sagrada Escritura! Mal lêem e pior entendem!*

*Noutra ocasião, quando um Doutor da Lei veio consultar a Jesus sobre o que deveria fazer para alcançar a vida eterna, Cristo lhe perguntou: "O que está escrito na Lei? E como **lês** tu?" (Lc. X, 26).*

*A interrogação "como **lês** tu?" mostra que a leitura depende da compreensão. Portanto, a simples leitura da Bíblia não é suficiente. Para alcançar a vida eterna duas coisas são necessárias: compreender a Revelação e fazer o que se compreendeu que Deus exige de nós. Portanto, só ler não adianta.*

Os saduceus e fariseus - tais quais os protestantes, hoje - liam as escrituras e isso de nada lhes adiantou. Pelo contrário, aumentou-lhes a culpa.

Aos saduceus que vieram questionar Cristo sobre a ressurreição, citando o texto da lei do sororato, Cristo respondeu: "Errais não compreendendo as escrituras, nem o poder de Deus" (Mt. XXII, 29).

*Em seguida, disse Jesus a esses mesmos saduceus: "E acerca da ressureição dos mortos, não tendes **lido***

*o que Deus **disse, falando** convosco: Eu sou o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó. Ora, Ele não é Deus dos mortos, mas dos vivos" (Mt XXII, 31).*

*Porque o texto estava no livro sagrado, Cristo deveria ter dito que Deus havia **escrito**. Em vez disso, Ele usa os verbos **dizer** e **falar** e não **escrever.** De novo, fica claro que **ler** só, não adianta: é preciso bem entender.*

Os grandes leitores da Bíblia no tempo de Jesus eram os fariseus. Como os protestantes, hoje, eles eram capazes de citar capítulos e versículos dos livros sagrados que eles sabiam de memória, sem jamais bem compreender o que haviam decorado. Foram os fariseus leitores da Bíblia que não viram a luz e mataram o Filho de Deus. Diante da luz da verdade, eles não viram a luz. Eles foram "cegos ao meio dia" (Deut. XXVIII, 29). Por isso, Jesus os chamou de "cegos" (Mt XV, 14) e "guias de cegos" (Mt. XXIII, 16).

*Foi acerca dos fariseus, **leitores** e mestres da Bíblia, que profetizou Isaías, dizendo: "Surdos, ouvi, e vós, cegos, abri os olhos para ver. Quem é cego, senão o meu servo (Israel)? E quem é surdo, senão aquele a quem enviei os meus profetas? Quem é cego como o dileto, e surdo como o servo do Senhor? Tu, que vês tantas coisas, não as observarás? Tu, que tens os ouvidos abertos, não ouvirás?" (Is. XLII 18-20). Repare-se que, nesse texto, Deus não repreende os judeus por não **lerem** a Bíblia. **Ler**, eles **liam**. O mal é que não entendiam. Eram **leitores** cegos. Como tantos outros, hoje. Estultos e cegos" (Mt. XXIII, 17).*

*Como castigo do orgulho com que os judeus **liam** os livros sagrados, sem quererem **ouvir** a palavra de Deus, a própria Sagrada Escritura diz: "Porque o Senhor espalhou sobre vós um espírito de adormecimento, ele fechará os vossos olhos, cobrirá (com um véu) os vossos profetas e príncipes, que têm visões. A visão de todos eles será para vós como as palavras de um livro selado, que, quando o derem a um homem que sabe **ler**, e lhes digam: '**Lê** esse livro', ele responde: 'Não posso, porque está selado'. Dar-se-á a um homem que não sabe **ler** e se dirá:'**Lê** '; ele responderá: 'Não sei **ler"** (Is. XXIX, 10-13).*

*Desse texto se deduz que não adianta querer **ler** um livro selado. Ora, a Escritura é um livro selado, e suas chaves foram dadas a Pedro. Quem não tem as chaves não pode abrir esse livro. E quem pretende saber **lê** -lo sem ter as chaves ou sem saber **ler,** está fazendo isso com o véu do adormecimento e da ilusão sobre os olhos.*

*Um homem que saiba **ler** deve ter a humildade de não pretender fazer isso sem a autorização e a aprovação daquele que tem as chaves. Só se deve ler a Bíblia com espírito de humildade, aceitando o que o Papa ligou e desligou a respeito do texto sagrado**.***

*Os fariseus - como os protestantes, hoje - eram desses pretensiosos que julgavam saber **ler**, e por isso Deus os castigou com a cegueira de seu próprio orgulho, pois que davam importância à letra da Escritura, letra que mata, julgando estar em sua **leitura** a salvação. Por isso, Nosso Senhor Jesus Cristo os advertiu, argumentando contra eles: "Examinai as Escrituras, **visto que julgais ter nelas a vida eterna**; elas são as que dão testemunho de Mim; e não quereis vir a Mim, para terdes vida. (...) **Moisés, em quem vós confiais**, é que vos acusa. Porque se vós crêsseis em Moisés, certamente creríeis em Mim; porque ele escreveu de Mim. Porém, **se vós não dais crédito aos seus escritos**, como haveis de dar crédito às minhas palavras?" (Jo. V, 39-40 e 45 a 47).*

Essas frases de Jesus Cristo são extremamente importantes para o tema que estamos analisando, e nelas sublinhamos as palavras decisivas.

*Em primeiro lugar, Cristo argumenta contra os fariseus dizendo que eles acreditavam - como os protestantes, hoje - que das Escrituras é que eles obteriam a vida eterna. Ora, a vida eterna só se obtém por meio de Cristo, e não da **"letra que mata"** (II Cor. III, 6). Não é **lendo** a Bíblia que se alcança a vida eterna.*

*Em segundo lugar, note-se que Cristo, argumentando ad hominem, diz: já que vós, fariseus, dizeis crer nas Escrituras, **examinai**-as e nelas vereis que elas falam de Mim.*

*Finalmente, repare-se que Cristo diz que os fariseus **confiavam em Moisés, mas não davam crédito a seus escritos.***

Portanto, é possível ler a Escritura sem crer nela. Pois é assim também que fazem os protestantes de ontem e de hoje: dizem confiar na Bíblia, mas recusam crer no que ela ensina.

Para forçar a Sagrada Escritura a concordar com eles, os fariseus deturpavam o que ela dizia, acusando Cristo de violar a Lei. O mesmo fizeram, depois, os primeiros hereges; e a mesma coisa fazem hoje; e farão no futuro, os hereges de amanhã. Por isso São Pedro escreveu, dos que lêem a Bíblia forçando interpretações falsas: "(...) os indoutos e inconstantes adulteram [as palavras de São Paulo] (como também as outras Escrituras) para a sua própria perdição" (II Pe. III,16).

*Que os rabinos dos judeus **liam** as Escrituras nas Sinagogas e não as entendiam, porque não davam crédito a seu significado e sim apenas à letra, está registrado em várias passagens da Bíblia. Assim: "Porque os habitantes de Jerusalém e os seus chefes, não conhecendo esse [Cristo] nem as vozes dos Profetas, que cada sábado **lêem**, condenando – O, as cumpriram" (At. XIII, 27).*

*Portanto, os rabinos judeus **liam** as escrituras mas não as entenderam, pois não reconheceram a Cristo Redentor. O próprio Moisés, a quem os rabinos judeus diziam seguir e do qual **liam** com cuidado os textos, até contando as letras - as letras que matam - profetizou sobre eles ao dizer: "Eis que os filhos de Israel não me **ouvem** (Ex. VI, 12).*

*Isso é confirmado noutra passagem que diz praticamente a mesma coisa: "Porque Moisés, desde tempos antigos, tem em cada cidade homens que pregam nas sinagogas, onde é lido todos os sábados" (At. XV, 21). Era **lido** e não era acreditado. Que adiantava, então, aos rabinos e judeus **lerem** a Bíblia nas suas sinagogas? Que adianta aos hereges **lerem** as letras da Escritura, se não as entendem, e por isso morrem, mortos pela letra?*

*As Escrituras Sagradas eram **lidas** por autoridades idôneas, muitas vezes estabelecidas diretamente por Deus, as quais o povo devia **ouvir**, atendendo ao que era lido e explanado. Isso pode ser confirmado por inúmeros textos da Bíblia. Citaremos, com risco de sermos monótonos, alguns deles.*

*Em primeiro lugar, cabia aos sacerdotes e anciãos **ler** a lei, para ensiná-la ao povo, que devia **ouvir** e não **ler**: "Escreveu, pois, Moisés, esta lei, e a entregou aos sacerdotes filhos de Levi, que levavam a arca da Aliança do Senhor, e a todos os anciãos de Israel. E ordenou-lhes, dizendo: "todos os sete anos, no ano da remissão, na solenidade dos tabernáculos, quando todos os filhos de Israel se juntarem para aparecer diante do Senhor, teu Deus, no lugar que o Senhor tiver escolhido, **lerás** as palavras desta lei diante de todo o povo, o qual **OUVIRÁ**, estando congregado todo o povo num mesmo lugar, tanto homens como mulheres, meninos e estrangeiros, que estão dentro de tuas portas, para que, **OUVINDO**, aprendam e temam o Senhor vosso Deus, e guardem e cumpram todas as palavras desta lei; e para que também seus filhos, que agora ignoram, as possam **ouvir,** e temam o Senhor seu Deus durante todos os dias que viverem na terra, da qual, passado o Jordão, ides tomar posse" (Deut. XXXI, 9 – 13).*

*A passagem é claríssima. Não é o povo que deve **ler.** O povo comum deve **ouvir**. É o contrário do que querem os hereges protestantes: querem eles mesmo **ler**, embora não sejam idôneos nem capazes.*

*No mesmo livro do Deuteronômio, há outra passagem que dá direito e obrigação também ao Rei, para **ler** a Escritura: "Depois que [o Rei] se tiver sentado no trono de seu reino, escreverá para si num livro o Deuteronômio desta lei, recebendo o exemplar dos sacerdotes, da tribo de Levi. Te-lo-á consigo e o **lerá** todos os dias da sua vida, para que aprenda a temer o Senhor, seu Deus, e a guardar as suas palavras e cerimônias que estão prescritas na lei" (Deut. XVII, 18-19).*

*O rei - e não qualquer um - tem direito e obrigação de **ler** a lei, depois de recebê-la dos sacerdotes.*

*Já no Exôdo, Moisés fez o mesmo: **leu** a lei para o povo que **ouvia**: "E tomando o livro da Aliança [Moisés] o **leu** na presença do povo, o qual disse: 'Faremos tudo o que o Senhor **disse** [e não **escreveu**] e seremos obedientes (Ex. XXIV, 7).*

*Josué, quando recebeu a autoridade sobre o povo, seguiu o mesmo costume: ele **lia** a lei. O povo a **ouvia**: "E primeiramente Josué abençoou o povo de Israel. Depois disso, **leu** todas as palavras da benção e da maldição e tudo o que estava escrito no livro da lei" (Jos. VIII, 34). Josué **leu** porque era a autoridade idônea. O povo apenas **ouviu.***

*Quando foi encontrado o livro da lei, no tempo do Rei Josias, ele reuniu o povo na casa do Senhor, "e, estando eles [membros do povo] a **ouvir** na casa do Senhor, o Rei **leu** todas as palavras do livro" (II Cr. XXXIV, 30).*

*Que era direito e dever dos Reis e Sacerdotes **ler** a lei ao povo que **ouvia,** se constata na manutenção desse costume através dos tempos. Também Esdras agiu assim: "O Sacerdote Esdras levou, pois, a lei para diante da multidão dos homens e das mulheres. e de todos os que a podiam entender, no primeiro dia do sétimo mês. **Leu** naquele livro claramente, no meio da praça que fica diante da porta das águas, desde manhã até o meio dia, na presença dos homens, das mulheres e dos sábios. Todo o povo tinha os **ouvidos** atentos" (II Esd. VIII, 2-3).*

*No Eclesiástico (Sabedoria de Sirac) se pode encontrar a seguinte lição: "Inclina o teu **ouvido** e recebe a palavra da Sabedoria" (Sir. II 2). E ainda: "Se me **ouvires**, receberás a instrução, e se fores amigo de ouvir serás sábio" (Sir. VI, 34). E mais: "Apliquei um pouco o meu **ouvido** e logo a recebi [a sabedoria]" (Sir. LI, 21).*

Não é, portanto, a mera leitura da Bíblia que traz a sabedoria.

*Isaías não ensina diferentemente: "O Senhor deu-me uma língua erudita, para eu saber sustentar com a palavra o que está cansado; Ele me chama pela manhã, pela manhã chama aos meus **ouvidos**, para que eu o **ouça** como a um mestre" (Is. L, 4-5). "**Ouvi**-me com atenção, e comei o bom alimento e a vossa alma se deleitará com manjares substanciosos. Inclinai o vosso **ouvido** e vinde a mim. **Ouvi** e vossa alma viverá" (Is. LV, 2-3).*

*Repetimos: não está dito: "**Lêde** e vossa alma viverá". E sim: **"Ouvi** e vossa alma viverá".*

*Para o profeta Jeremias, Deus disse: "Vai e **grita** aos **ouvidos** de Jerusalém" (Jer. II,2). Deus não mandou que Jeremias mandasse o povo **ler** a profecia, nem que pusesse diante dos olhos a l**etra** que mata, mas que **gritasse** aos **ouvidos** do povo a sua palavra. Por isso, logo depois, Jeremias recomenda: "**Ouvi** as palavras do Senhor" (Jer. II, 4).*

*E ainda em outra passagem, Deus reitera ao profeta: "E o Senhor me disse: **Prega** em alta **voz** todas estas palavras, nas cidades de Judá e fora de Jerusalém, **dizendo**: '**Ouvi** as palavras desta aliança e observai-as'. **Ouvi** a minha voz". "E não a **ouviram**, nem prestaram **ouvidos**, mas cada um seguiu a depravação do seu coração maligno. "E o Senhor me **disse**: 'Uma conjuração se descobriu entre os varões de Judá e entre os moradores de Jerusalém. Tornaram às suas antigas maldades de seus pais, que não quiseram **ouvir** as minhas palavras" (Jer. XI, 6-9).*

*E mais: "Porém, não **ouviram**, nem inclinaram o seu **ouvido**, mas endureceram a sua cerviz, para não me **ouvirem**, nem receberem a instrução. Apesar disso, se me **ouvirdes**..." (Jer. XVII, 23-24). "... e vossos pais não me **ouviram**, nem inclinaram o seu **ouvido** (Jer. XXXIV,14). "Não **ouviram,** nem inclinaram o seu **ouvido** para se converterem de suas maldades e para não sacrificarem a deuses estranhos" (Jer. XLIV, 5).*

*Nos Atos dos Apóstolos está dito: "Vai a esse povo e **dize**-lhes: 'Com o **ouvido ouvireis** e não entendereis,*

*e, vendo, vereis e não distinguireis. Porque o coração desse povo tornou-se insensível, e são duros dos **ouvidos,** e fecharam os seus olhos para que não vejam com os olhos, e **ouçam** com os **ouvidos** e entendam com o coração, e se convertam, e Eu os sare" (Atos, XXVIII, 26-28).*

*Como o protestante **lê** que "O **ouvido** do sábio busca a doutrina" (Prov. XVIII, 15), e continua apenas **lendo?***

*E como continua apenas **lendo**, se está dito que "o **ouvido** virtuoso **ouvirá** a Sabedoria" (Sir. III, 31), e não que "**lerá"** a sabedoria?*

Dirão: "Esses são livros que não aceitamos como inspirados". Confessarão, assim, que são eles que determinam o que foi inspirado ou não; que é sua opinião que vale, e não o que ensina a Igreja.

*Mesmo assim, por que não compreendem que os Salmos, que eles aceitam como inspirados, dizem a mesma doutrina? Nos salmos se pode encontrar esta palavra: "**Escuta,** ó filho, vê e inclina o teu **ouvido**" (Sl. XLIV, 5).*

*E mais: "**Ouvi** todos isso, ó nações, estai atentos vós todos os que povoais a terra" (Sl XLVIII,2). "A minha boca falará a sabedoria e a meditação de meu coração é sensata. Inclinarei à parábola o meu **ouvido**..." (Sl. XLVIII 4-5).*

*Também o salmo LXXVII, 20 repete a mesma lição: "**Escuta** - não diz **lê** - a minha lei, povo meu. Inclina os teus **ouvidos** às palavras de minha boca". A lei estava escrita; entretanto, Deus manda não que se **leia**, mas que se **ouça**.*

*É monótono repetir tantas vezes a mesma coisa, mas a teimosia exige a repetição. Por isso, foi também que Deus insistiu tanto no uso do verbo **ouvir** e não do verbo **ler**.*

*Tendo demonstrando que os Salmos ensinam a mesma coisa que os Provérbios, citaremos mais uma passagem desse livro: "Filho meu, **ouve** meus discursos e inclina o teu **ouvido** às minhas palavras" (Prov. IV, 20). "Inclina o teu **ouvido**, e **ouve** as palavras da sabedoria, e aplica o coração às minhas palavras" (Prov. XXII, 17).*

*E mais uma vez: "Meu filho, atende à minha sabedoria, e inclina o teu **ouvido** à minha prudência" (Prov. V, 1). O ensinamento é constante e invariável: deve-se **ouvir**. O ensinamento que se repete não é: deve-se **ler.** Só os protestantes insistem em não **ouvir**. Eles só pensam que sabem, e que devem **ler**. Que todos sabem, e que todos devem ler. E exigem que se **leia**, não que se **ouça**. A recomendação deles, portanto, é contrária à de Deus.*

*Às palavras sábias e inspiradas que até aqui reproduzimos, o protestante poderia responder: "Não **ouvi** a voz dos que ensinavam, nem dei **ouvidos** aos mestres" (Prov. V, 13). Nosso Senhor Jesus Cristo os previne, com as palavras do evangelho de São João, de que são seus discípulos os que ouvem a voz do pastor, daquele que foi posto pelo porteiro, pois ninguém pode se dar a si mesmo o título de pastor. Deve e só pode recebê-lo do porteiro. E o porteiro tem que ter as chaves da porta, para abrir e fechar. E as chaves foram dadas a Pedro. Portanto, quem não reconhece a voz do pastor autorizado pelo porteiro, não pode se salvar: "Mas o que entra pela porta é pastor das ovelhas. A este o porteiro abre e as ovelhas **ouvem** a sua voz, ele as chamará pelo nome e as tirará para fora" (Jo. X, 2).*

*Inúmeros outros textos poderiam ser citados comprovando, todos, esta mesma lição: nem todos devem **ler** a Sagrada Escritura. Todos somos obrigados a **ouvir** o que Deus nos ensinou por ela. E quem Deus encarregou de ensinar a Revelação? Cristo deu a Pedro as chaves do Reino dos Céus (Cfr. Mt. XVI,13-20). É pois o papa, sucessor de Pedro, quem tem o munus de ensinar o que está contido na Revelação.*

*É o que diz Leão XIII, na encíclica **Providentissimus Deus**: "É preciso observar que, se os escritos antigos são mais ou menos difíceis de serem entendidos, para entender a Bíblia há, em acréscimo, ainda outras razões particulares. Porque a linguagem bíblica é usada, sob inspiração do Espírito Santo, para expressar muitas coisas que estão além do poder e do alcance da razão; noutras palavras, os mistérios divinos e tudo o que está relacionado com eles. Há, muitas vezes, em algumas passagens uma plena e escondida profundidade de significado, que a letra expressa com dificuldade e que as leis da interpretação gramatical dificilmente garantem. Mais ainda, o próprio sentido literal freqüentemente admite outros sentidos, adaptados para ilustrar o dogma ou para confirmar a moral. Porque, é preciso reconhecer que a Sagrada Escritura está envolta em uma certa obscuridade religiosa, e que nem toda pessoa pode penetrar em seu interior sem um guia: Deus assim dispondo, como ensinavam comumente os Santos Padres, para que os homens pudessem investigar as Escrituras com mais ardor e seriedade, e para que, o que fosse atingido com mais dificuldade calasse mais profundamente na mente e no coração; e, mais que tudo, para que eles pudessem compreender que Deus entregou as Sagradas Escrituras para a Igreja, e que lendo e fazendo uso de sua palavra, eles deveriam seguir a Igreja como sua Guia e sua Mestra.*

A necessidade de haver uma Guia e Mestra para compreender a Sagrada Escritura decorre, então, do próprio modo como Deus a fez redigir.

E por que Deus não fez os homens com capacidade de lerem e entenderem a Sagrada Escritura sem necessitar de outro homem como mestre e guia? Por que quer Deus que o homem aprenda pela boca de outro e receba a Fé pelo ouvido? Não poderia Deus ter feito como os protestantes pensam que Ele fez, inspirando cada um para que lesse a Escritura e dando ao leitor a compreensão de seu sentido objetivo por inspiração divina direta?

Deus não fez assim porque Ele quer salvar os homens por meio de homens. Por isso, Ele escolheu Apóstolos e Discípulos e lhes ordenou: "Ide, pois, e ensinai a todos os povos, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo" (Mat. XXVIII, 19).

Deus quis que alguns homens fossem meio de salvação para outros para que os homens se amassem mutuamente, visto que ensinar a verdade a um homem é praticar um ato de sumo amor por ele.

*A posição protestante, que não admite nenhum homem como intermediário como meio de ensinar a verdade, é contrária ao que revela a própria Bíblia, que nos mostra que Deus incumbiu alguns de ensinarem outros, e que a Fé vem pelo ouvido. A recusa de ter qualquer mestre é reveladora de um profundo orgulho. E é uma atitude tão contrária à realidade que os mesmos que não admitem que um homem ensine outro, vão de porta em porta **ensinando** a outros que devem ler a Bíblia. E, depois, **lêem** na Bíblia que **"A letra mata"** (II Cor. III, 6).*

***IV - Sentidos das palavras e da Escritura**Erram também os protestantes ao supor que possam, sozinhos, compreender os vários sentidos da Sagrada Escritura. Antes de qualquer análise desses sentidos, porém, haver-se-ia que levantar um problema preliminar: quais os livros que fazem parte da Bíblia? Os judeus tinham muitos outros livros religiosos que, entretanto, não foram considerados inspirados por Deus, e, por isso, nunca fizeram parte da lista dos livros da Sagrada Escritura. Eram os chamados livros apócrifos. Também depois da ressureição de Cristo e de sua Ascenção ao Céu surgiram muitos livros apócrifos que não foram tidos como inspirados e nem foram incluídos no rol dos livros do Novo Testamento. Tipos de palavras*

Quem julgou quais livros fazem parte dos textos inspirados por Deus? Essa é uma questão fundamental. De sua solução dependerá a fé. Entre os antigos judeus, foi a tradição que estabeleceu os critérios de inspiração. No Novo Testamento, foram a Tradição e a Igreja que determinaram quais os livros inspirados por Deus e que devem fazer parte do cânon das Escrituras.

Conhecidos quais os livros componentes da Bíblia, há que tratar ainda de outros problemas de interpretação .

Não pretendemos fazer, neste simples artigo, uma exposição exaustiva de exegese. Visamos apenas indicar certos problemas existentes na leitura da Bíblia. Por isso, nos ateremos apenas a aludir a alguns pontos mais importantes da exegese bíblica.

As palavras humanas são de três tipos diferentes.

*Algumas palavras têm um só sentido: são as palavras **unívocas**. Ex. copo, giz, vento, água.*

*Um segundo tipo de palavras é o daquelas que têm vários sentidos diferentes, sem qualquer relação entre si: são as palavras **equívocas**. Ex. manga, que tanto pode significar uma fruta quanto uma parte do vestuário. Vela é um segundo exemplo de palavra equívoca, porque pode significar um objeto para ser aceso e iluminar, ou uma tela para captar o vento e mover um barco. E não há relação alguma entre vela de pavio e vela de navio.*

*O terceiro tipo de palavras é o daquelas que têm vários sentidos com alguma relação entre si. Essas são as chamadas palavras **análogas.** Por exemplo, a palavra **pé** pode ser usada para designar uma parte do corpo humano, uma parte de um animal, ou ainda o pé de uma cadeira. É claro que essas três coisas designadas pela palavra **pé** têm algo em comum que as torna semelhantes. Todas sustentam algo. Mas é claro também que o pé de uma cadeira só é pé por analogia ou semelhança com o pé humano: ambos dão sustentação, ao corpo do homem e à cadeira. Pé é uma palavra análoga.*

Ora, ao falarmos ou escrevermos, usamos os três tipos de palavras, o que pode provocar enganos ou erros de interpretação do que queremos dizer. Com as Sagradas Escrituras ocorre o mesmo: Deus usou os três tipos de palavras, o que pode provocar erros de interpretação.

*Tome-se, por exemplo, a palavra **irmão.** Se a palavra irmão for tida como unívoca – significando filhos de um mesmo casal – então, quando se lê que os irmãos de Jesus foram a seu encontro, se concluirá que Nossa Senhora teve vários filhos, e que, portanto, não permaneceu virgem. E essa é a interpretação seguida pelos pastores protestantes.*

*Ora, esses mesmo pastores, ao falarem a seus correligionários na praça, se referem a eles como **irmãos.** Considerando, eles, que a palavra irmão é unívoca, estarão dizendo que todos os que estão na praça são seus irmãos carnais, e estarão afirmando que houve com os pais deles um número enorme de adultérios. O pastor estaria ofendendo a todos, chamando-os de filhos adulterinos. Evidentemente, isso é um absurdo.*

Quando o pastor chama seus correligionários de irmãos, ele está usando o termo em sentido análogo: ele quer dizer que todos os correligionários são irmãos numa mesma crença, no caso, crença herética.

Portanto, o termo irmão é análogo, e não unívoco. Irmãos de Jesus, então, não significa irmãos carnais. Na linguagem bíblica, irmão quer dizer apenas parente. Por isso, Abraão chamava Lot de irmão (Gn. XIII, 8) quando este era, na verdade, seu sobrinho (Gn. XII, 5).

O fato de haver nas Sagradas Escrituras termos unívocos, análogos e equívocos pode provocar interpretações falsas, que redundam até em heresia.

De que nos adiantaria termos a Bíblia se, não tendo meio de distinguir o sentido das palavras - que variam conforme o seu tipo - não a interpretaríamos segundo o sentido que Deus quis usar? ***Modos de empregar as palavras***

Há ainda outra dificuldade proveniente dos vários sentidos que pode ter uma palavra, conforme é empregada de modo relativo ou absoluto.

Veja-se outro exemplo: a palavra odiar.

Essa palavra normalmente significa querer o mal, isto é, a perda de um bem. Deus condena o ódio, e Cristo ordenou que amássemos o nosso próximo como a nós mesmos, por amor de Deus. Entretanto, Cristo disse: "Aquele que não odiar seu pai e sua mãe por minha causa, não pode ser meu discípulo" (Luc. XIV, 26)

Isso parece, à primeira vista, ser o contrário do que Deus ordenou no quarto mandamento do Decálogo: "Honra teu pai e tua mãe para que tenhas uma vida dilatada sobre a terra que o Senhor teu Deus te dará" (Ex. XX,12).

Evidentemente, Cristo não pode ter ordenado que se odeie aos pais, nem pode ter posto o ódio aos pais como condição para ser seu discípulo. Cristo empregou o verbo odiar em sentido relativo, e não em sentido absoluto. Ele quis dizer que, havendo oposição entre o amor aos pais e o amor a Deus, deve-se preferir o serviço de Deus e até abandonar os pais, se for necessário, para servir a Deus, praticando com relação aos pais um ato de ódio relativo. Entre o amor absoluto, que devemos somente a Deus, e o amor relativo aos pais, devemos, caso seja necessária uma opção, preferir o amor a Deus.

Figuras de retórica

A Sagrada Escritura, como qualquer outro tipo de texto, emprega as figuras de estilo próprias da linguagem humana: usa de metáforas, comparações, hipérboles, sinédoques, etc.

Freqüentemente, é impossível, portanto, tomar as palavras em seu sentido próprio. Deve-se entendê-las figuradamente, de acordo com o tipo de figura de retórica utilizada.

Assim, quando Cristo chama Herodes de "essa raposa" (Luc. XIII, 32) seria absurdo entender o termo de modo literal e não metafórico. Quando Ele chama os fariseus de "filhos do demônio" (Jo. VIII 44), embora o demônio não possa de fato ter filhos de modo próprio - pois ele não tem corpo nem capacidade de gerar filhos - ele pode ter "filhos" de modo analógico. Portanto, a expressão "filhos do demônio" aplicada aos fariseus não é propriamente uma metáfora, e sim uma outra forma de analogia.

Gêneros literários

A Sagrada Escritura contém livros de vários gêneros literários diferentes. Lá, existem livros históricos, proféticos, hinos, orações, textos jurídicos ou legais, livros sapienciais. Conforme o gênero literário empregado, há um modo diverso de entender as palavras. O que é contado num livro histórico são fatos realmente acontecidos. As imagens empregadas nas profecias são figuras simbólicas de fatos futuros não acontecidos. Assim, os animais da profecia de Daniel são símbolos de reinos que haveriam de vir, e a própria Bíblia os explica assim (Dan. VII, 17).

Copyright © 1999-2011 - Associação Cultural Montfort - http://www.montfort.org.br/

Sentido Histórico

É importante compreender que as palavras podem ter variações de significado conforme a época em que foram usadas. Hoje, a palavra "formidável" significa coisa de grande valor, excelente, como quando se diz: "Esse livro é formidável". Entretanto, a palavra formidável, originalmente, queria dizer "coisa que dá medo". Esse significado desapareceu em nossos dias. Por essa razão, deve-se conhecer o significado e o contexto histórico de um texto.

Cada autor emprega as palavras no sentido em que eram usadas em sua época. É necessário, pois, conhecer o contexto histórico em que viveu o autor de um livro sagrado.

Parábolas

Nosso Senhor Jesus Cristo, para ensinar ao povo, freqüentemente empregava parábolas, que são pequenas histórias fictícias, contendo ensinamentos doutrinários, morais e místicos.

O Evangelho contém inúmeras parábolas, a ponto de São Marcos dizer: "Não lhes falava sem parábolas, porém tudo explicava em particular a seus discípulos" (Mc. IV, 34).

Por que falar em parábolas? Por que, muitas vezes, Nosso Senhor se exprimia parabolicamente e não falava diretamente?

Os próprios Apóstolos, certa vez, fizeram essa pergunta a Jesus, que lhes respondeu, dizendo: "Porque a vós é concedido conhecer os mistérios do reino dos céus, mas a eles não lhes é concedido. Porque ao que tem lhe será dado, e terá em abundância; mas ao que não tem, até o que tem lhe será tirado. Por isso lhes falo em parábolas, porque vendo não vêem, e ouvindo não ouvem, nem entendem" (Mt. XIII, 11 –13).

A parábola contém um ensinamento literal facilmente acessível aos homens simples, mas, sem qualquer violação do sentido literal primeiro, pode conter outros ensinamentos doutrinários, morais, ou místicos.

Sentidos das Sagradas Escrituras

Isso nos conduz à questão dos sentidos das Sagradas Escrituras.

Normalmente distinguem-se quatro sentidos fundamentais nas Sagradas Escrituras:

1 - O Sentido Literal;
2 - O Sentido Doutrinário;
3 - O Sentido Moral;
4 - O Sentido Místico.

O sentido literal é o fundamental, e nele, sem violação ou sem forçar o texto, podem ser encontrados os outros três sentidos fundamentais.

Daí, os famosos versos: "Littera gessa docet; quid credas, allegoria;
Moralis, quid agas; quo tendas, anagogia"

(A letra ensina os fatos; o que deves crer, a alegoria;

O que deves fazer, o moral; a que deves tender, a anagogia)

Sentido literal é aquele que é expresso de modo verdadeiro, real, atual, imediato e desejado pelo autor do texto sagrado. É o sentido que decorre diretamente do texto, sem que seja feita uma dilatação, ou extensão, do sentido das palavras além do normal; é o sentido atual, e não uma dedução silogística; imediato, e não por analogia ou simbolicamente.

O sentido literal, ele mesmo, pode ter vários sentidos diversos. Por exemplo, na profecia de Caifás. Ao dizer ele: "Convém que morra um homem pelo povo" (Jo XI, 50). A própria seqüência do Evangelho explica que Caifás, ao dizer isso, profetizou, dizendo de fato outra coisa (Cfr. Jo. XI, 51).

Além disso, pode-se inferir, legitimamente, um sentido derivado do literal: é o Sentido Derivativo, ou conseqüente, que é aquele que legitimamente decorre do sentido genuíno literal.

É o que faz São Paulo ao citar a frase de Jeremias "Não se glorie o sábio no seu saber, nem o forte na sua força, nem se glorie o rico em suas riquezas" (Jer. IX, 23). São Paulo diz: "O que se gloria, glorie-se no Senhor" (I Cor. I, 31).

Do sentido literal pode-se ainda fazer uma acomodação, quer extensiva, quer alusiva. Pela acomodação, as palavras da Sagrada Escritura são aplicadas analogicamente a um outro sujeito ou a coisa diferente daquela a que se aplicava originalmente um texto escriturístico anterior, ou ainda fazendo-se alusão a palavras usadas na Escritura em outro contexto.

Acomodação extensiva é aquela que foi feita usando o texto do Eclesiástico: "Noé foi encontrado perfeito e justo, e no tempo da ira tornou-se a reconciliação dos homens" (Jer XLIV, 17"), aplicando-se o que foi dito de Noé para outros personagens santos.

Acomodação alusiva foi o que fez Nosso Senhor Jesus Cristo ao usar as palavras do Salmo VI, 9: "Apartai-vos de mim todos os que praticais a iniqüidade, porque o Senhor ouviu a voz de meu pranto", no Sermão da Montanha: "Então eu lhes direi bem alto: "Nunca vos conheci; apartai-vos de Mim, vós que praticais a iniqüidade" (Jo. VII, 23).

O sentido literal inclui o sentido próprio e o sentido figurativo.

Quando a Bíblia fala do braço de Deus, ela não quer dizer que Deus, de fato, tenha braço. É um modo figurado de dizer que Deus tem poder. Esse sentido figurativo sempre tem base no sentido literal, mas não deve ser entendido de modo próprio.

No sentido literal está incluído o sentido típico.

Chama-se típico esse sentido porque usa um "tipo" (pessoa, animal, coisa ou fato acontecido) como imagem ou figura de outro, que seria o antitipo.

O Tipo conduz ao sentido espiritual, isso é, ao Antitipo.

Exemplos de Tipo e de Antitipo são Isaac e Cristo, o sacrifício de Abraão e o sacrifício do Calvário, o sono de Adão e morte de Cristo, e tantos outros mais.

O sentido típico difere do sentido acomodatício, porque é realmente expresso. Difere da conseqüência, porque é atualmente expresso, e não deduzido. Difere do literal, porque não é expresso imediatamente.

O Sentido Típico é chamado Alegórico, ou doutrinário, quando exprime uma verdade em que se deve crer.

Copyright © 1999-2011 - Associação Cultural Montfort - http://www.montfort.org.br/

Chama-se Sentido Moral, quando exprime o que se deve fazer.

Finalmente, chama-se Sentido Místico, quando exprime aquilo que devemos amar, e a que devemos tender.

Assim, Jerusalém, a cidade santa dos judeus, alegoricamente, significa a Igreja Católica; moralmente, significa o céu, o bem esperado, que só se alcança pela prática dos mandamentos; e, misticamente, representa a alma.

V - Conclusão

Levando em conta tudo isso, compreende-se que é extremamente difícil interpretar corretamente a Bíblia, e que imensa confusão produz o livre exame.

Por isso, São Pedro previne em sua segunda Epístola: "Nenhuma profecia da Escritura é de interpretação particular" (II Pe. I, 20).

Daí a necessidade de Deus ter dado a alguém "as chaves" de sua interpretação. Foi Pedro quem recebeu essas chaves, quando o próprio Cristo lhe disse: "Bem aventurado és tu, Simão Bar Jonas, porque não foi a carne, ou o sangue que te inspiraram, mas meu Pai que está nos céus. E eu te digo que tu és Pedro, e sobre essa pedra eu edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Eu te darei as chaves do Reino dos céus; e tudo o que ligares sobre a terra será ligado também nos céus; e tudo o que desligares sobre a terra será desligado também nos céus" (Mt. XVI, 17-20)

Portanto, somente o Papa pode dar a interpretação certíssima e indubitável das Sagradas Escrituras, devendo os fiéis ouví - la e observá-la docilmente.

Compreende-se agora claramente o que disseram os Provérbios:

"Assim como o espinheiro está na mão do bêbado, assim está a parábola no boca dos ignorantes" (Mt. XXI, 42)

Para citar este texto:

Fedeli, Orlando - *"`Leia a Bíblia?`"*
MONTFORT Associação Cultural
http://www.montfort.org.br/index.php?secao=cadernos&subsecao=apologetica&artigo=leiabiblia1
Online, 25/03/2011 às 17:39h